



## ÍNDICE

- Carta ao leitor

### IMPRENSA

- A apreensão de REALIDADE

### IDEIA

- As mulheres fizeram história porque nunca tiveram medo do ridículo

### TRABALHO E MATERNIDADE

- Filhos e carreira, opção sem drama
- O perfil de uma executiva pioneira
- Artigo: Meu bebê é como um vício, por Katie Roiphe
- Tecnologia para mães

### CASAMENTO E SOCIEDADE

- As brasileiras se casam mais tarde
- Artigo: A novidade é o respeito entre os cônjuges, por Betty Milan
- O perfil de Itala Nandi
- A bolsa em 1967 e em 2010
- O paradoxo da tristeza feminina
- Leitura para as supermães
- O matriarcado digital

### EXCLUSIVO ON-LINE

- O matriarcado digital

### SEXO E SAÚDE

- Os cinquenta anos da pílula
- Artigo: A sexualidade da mulher virou tema obrigatório (e entediante), por Mary Del Priore
- Étudo culpa dos hormônios?
- O paradoxo da tristeza feminina
- Reprogramação do DNA da pele
- Cultura: Sexo na literatura deixou de ser espaço de rebeldia masculina, por Sérgio Rodrigues

### POLÍTICA E ECONOMIA

- Abolicionismo de saias
- A nova mulher da nova classe C

### ENSAIO - MODA

- As transformações por meio da tela do cinema



Casamento e sociedade • Comportamento

## O paradoxo da tristeza

**Há mais empregos, os salários são melhores e os homens, mais respeitosos – mas por que, afinal, as mulheres não sorriem?**

Dwyer Gunn, Betsey Stevenson e Justin Wolfers

Fotos Elena Kalisphoto.com



"As mulheres de hoje vivem uma vida enormemente diferente daquela das mulheres de quarenta ou cinquenta anos atrás. Graças ao movimento feminista internacional, as mulheres, antes limitadas à esfera doméstica, agora fazem faculdade e pós-graduação e seguem as mesmas carreiras dos homens. Avanços na ciência e na medicina aumentaram a expectativa de vida tanto para eles quanto para elas. A mortalidade infantil diminuiu significativamente. Mesmo a tecnologia, na forma de invenções como lavadoras de louça e aspiradores de pó, conspirou para liberar as mulheres.

Em geral, as estatísticas refletem esse progresso – a participação feminina na força de trabalho, na renda e na escolarização aumenta rapidamente. Em 1970, apenas 8% das mulheres americanas com 25 anos ou mais haviam completado pelo menos quatro anos de faculdade; em 2008, elas eram 29%. Na verdade, em muitos países desenvolvidos as mulheres obtêm mais educação que os homens. Na Inglaterra, em 2007, 56% dos candidatos a vagas em faculdades eram mulheres. Quando os governos de hoje falam em corrigir a disparidade de acesso ao ensino superior, estão preocupados em estimular os homens a ir à universidade.

Atualmente, as mulheres também encaram um mercado de trabalho muito mais amigável que o experimentado por gerações anteriores. A maioria dos países desenvolvidos proíbe a discriminação por gênero na contratação e nos salários, e a disparidade de renda entre homens e mulheres continua se reduzindo. Todos os países da União Europeia oferecem licença-maternidade paga e garantida. Em várias nações desenvolvidas, as mães que voltam ao trabalho mais cedo já podem transferir para os pais a licença-maternidade não utilizada, permitindo assim que os casais dividam de forma mais equilibrada as responsabilidades parentais.

Na frente doméstica, a pílula anticoncepcional deu às mulheres um controle discreto sobre seu corpo e futuro, e as taxas de fecundidade em grande parte do mundo refletem isso. A taxa total de fecundidade (definida como o número médio de nascimentos por mulher) na Inglaterra caiu de 2,69, em 1960, para 1,9, em 2007.

No Brasil, que tem um movimento feminista particularmente bem organizado, as tendências são semelhantes. Em 1960, a taxa de fecundidade no país era de 6,28; em 2010, é de 1,76. Embora no país as mulheres tenham pouca participação na política e lutem para alcançar os escalões superiores das corporações, as brasileiras conseguiram enormes avanços em termos de renda e educação. No fim da década de 80, os homens brasileiros ganhavam 300% a mais por hora do que as mulheres – hoje, essa distância está mais perto dos 30%. Como na Europa, as mulheres agora superam os homens quanto a número de matrículas em vários níveis de ensino.

Essas estatísticas, no entanto, mascaram um fato perturbador: embora o status das mulheres em relação aos homens tenha certamente melhorado em muitas partes do mundo, o mesmo não aconteceu com o bem-estar relatado por elas. Nos Estados Unidos, por exemplo, as mulheres se tornaram menos felizes em termos absolutos e também em relação aos homens. As americanas em 1970 tinham mais propensão do que os homens a se dizer "muito felizes", mas essa diferença começou a sumir na década de 80. O mesmo vale para os relatos de infelicidade. Nos anos 70, homens e mulheres tinham a mesma propensão a se considerar "não muito felizes" – hoje, as mulheres mostram uma maior tendência a essa percepção.

Há inclusive evidências de que a desigualdade na felicidade começa antes da idade adulta. Meninas americanas de 17 e 18 anos se declararam ligeiramente menos felizes do que em 1976, enquanto os rapazes dessa faixa afirmam estar mais felizes que seus antecessores. Encontramos uma tendência semelhante na Europa. Na maioria dos países desse continente, homens e mulheres estão mais felizes hoje do que na década de 70. Entretanto, o bem-estar delas em relação ao deles declinou. Nos anos 70, as europeias se declaravam ligeiramente mais satisfeitas com a vida do que os homens; agora, elas se dizem ligeiramente menos satisfeitas do que eles.

Os dados sobre a felicidade no Brasil ecoam os europeus. Tanto as mulheres quanto os homens se tornaram mais felizes no país nos últimos anos, mas as brasileiras hoje são menos felizes que os homens. Parece que, em todo o mundo desenvolvido, do ponto de vista do bem-estar declarado, os beneficiários primários do movimento feminista foram os homens.



O que está provocando essa desigualdade de gêneros na felicidade? Recorramos aos Estados Unidos, que têm os mais amplos dados sobre o bem-estar subjetivo, para tratar desse tema. A segunda metade do século XX trouxe questões além daquelas inspiradas pelo movimento feminista, como as mudanças na estrutura familiar, e uma crescente desigualdade. É certamente possível que uma (ou muitas) dessas outras tendências possa explicar o declínio no bem-estar feminino relativo. Todas essas tendências afetam

diferentes grupos demográficos de diferentes maneiras, então examinar o bem-estar relatado nesses grupos pode jogar alguma luz sobre o quebra-cabeça.

Por exemplo, se as mudanças no casamento estivessem promovendo a desigualdade na felicidade, mulheres casadas e não casadas deveriam exibir tendências diferentes para o bem-estar. Na verdade, não exibem. Tanto as casadas quanto as não casadas têm experimentado declínio similar no bem-estar relatado.

Será o movimento feminista de alguma forma responsável pelo declínio no bem-estar relativo das mulheres? Talvez ir todo dia para o trabalho e a universidade esteja na realidade deixando que se sintam péssimas? Se fosse esse o caso, esperaríamos tendências diferentes no bem-estar das mulheres que trabalham em casa, e não no mercado. Mas as tendências são semelhantes para esses dois grupos.

Outra explicação comumente oferecida para o declínio no bem-estar relativo das mulheres é a hipótese do "segundo turno" de trabalho, cunhada por Arlie Hochschild em 1989: embora cada vez mais trabalhem fora de casa, elas também continuam a ser as responsáveis primárias por cuidar dos filhos e pelas tarefas domésticas. A Organização Internacional do Trabalho afirma que "ainda são as mulheres que fazem uma parcela desproporcional do trabalho em casa" e que elas "estão trabalhando mais duro do que nunca, e muitas agora estão trabalhando em um 'segundo turno'".

Mas tais dados contrariam essa hipótese aparentemente plausível. Mulheres com e sem filhos (presumivelmente menos vulneráveis ao problema do "segundo turno") exibiram declínio semelhante no bem-estar relativo. O mesmo é verdade para pessoas que são pais/mães solteiros em comparação a pais/mães casados, ou para pais/mães empregados e desempregados.

O fato mais notável e perturbador sobre o declínio no bem-estar relativo das mulheres nos Estados Unidos é que ele transpassa brutalmente variados grupos demográficos. Mulheres com idade, faixa de renda, nível educacional e estado civil diferentes simplesmente se tornaram menos felizes em relação a homens em situação equivalente.

Já que a desigualdade na felicidade não pode ser explicada por fatores demográficos, talvez ela se deva a um declínio na satisfação das mulheres quanto a certos domínios da vida (emprego, finanças e casamento). Por exemplo, se a felicidade conjugal diminuiu mais para as mulheres do que para os homens desde a década de 70, a diferença pode explicar parte da desigualdade na felicidade.

Apesar das alterações significativas na participação feminina na força de trabalho, a mudança na satisfação profissional não explica o declínio no bem-estar feminino relativo. Independentemente de trabalharem fora de casa ou não, as mulheres manifestam uma satisfação profissional comparável tanto ao patamar histórico de satisfação profissional quanto à satisfação profissional masculina.

A satisfação conjugal também não explica a desigualdade. As mulheres em geral são menos felizes que os homens no casamento, mas tanto os homens quanto as mulheres se tornaram menos felizes no casamento desde a década de 70.

Há um domínio em que as mulheres têm tido uma experiência diferente da dos homens. Em comparação com os homens, as mulheres se tornaram menos satisfeitas com a situação financeira da família. No começo dos anos 70, as mulheres eram tão felizes quanto os homens com relação à condição financeira familiar. Hoje, elas estão substancialmente menos satisfeitas com a situação financeira do lar. Se as mulheres são mais avessas a riscos do que os homens, a ansiedade financeira pode afetar o bem-estar feminino de modo particularmente negativo.

Pesquisas com meninas de 17 e 18 anos indicam que elas estão dando importância a um número maior de domínios da vida. Refletindo os avanços no movimento feminista, fatores como "ter sucesso na minha linha de trabalho", "ser capaz de encontrar um trabalho estável", "contribuir para a sociedade" e "ser uma líder na minha comunidade" se tornaram fundamentais. E, algo relevante, outros pilares não perderam importância. As jovens simplesmente acrescentaram demandas à sua vida, uma mudança que resulta em um refrão familiar: essas meninas relatam uma crescente falta de tempo ao tentar o malabarismo de conciliar seus muitos compromissos.

Se as mulheres hoje estão avaliando sua felicidade sob muitos aspectos (trabalho, casamento, casa, filhos), em comparação a poucos fatores na década de 70, é mais provável que elas sintam que estão fracassando em pelo menos alguns domínios. O movimento feminista pode também ter mudado o bem-estar declarado, de um modo que afinal seja bom para as mulheres. Talvez o que tenha mudado não seja o bem-estar, e sim o bem-estar declarado. As mulheres podem estar mais confortáveis em admitir a infelicidade hoje do que na década de 70. O problema não é o que aconteceu com a felicidade efetivamente vivida pelas mulheres; o problema é que os

dados não refletem as reais melhorias que ocorreram na vida delas.

As mulheres de hoje podem também esperar mais para si mesmas, e podem exigir mais para se satisfazer. Na década de 70, elas, ao avaliarem seu bem-estar, provavelmente se comparavam apenas a outras mulheres, enquanto as de hoje têm um grupo de referência diferente – que inclui os homens. Se for esse o caso, então o movimento feminista teve sucesso em uma das suas metas mais importantes: permitir que as mulheres acreditem que são tão capazes quanto os homens.

Talvez, acima de tudo, levantamentos recentes demonstrem que o bem-estar das mulheres é simplesmente complicado. Elas hoje consideram uma variedade de fatores ao determinar sua satisfação geral da vida. Obter e agregar felicidade em todos esses diferentes domínios pode ser mais difícil do que era quando os esforços das mulheres tinham um foco mais fechado.

**Dwyer Gunn** é editora do blog *Freakonomics*, do The New York Times;  
**Betsey Stevenson** e **Justin Wolfers** são professores da Wharton School da Universidade da Pensilvânia

COPYRIGHT © EDITORA ABRIL S.A. - Todos os direitos reservados.